

ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES DE UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Hilma Liana Soares Garcia da Silva¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN
hilmaliana@hotmail.com

Maria Juliana de Macêdo Silva²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN
julliemacedo@bol.com.br

Orientadora: Prof. Dra. Verônica Maria de Araújo Pontes³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN
veronicauern@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo suscitar a discussão sobre o ensino da literatura no Ensino Médio nas escolas públicas, observando-se a relação entre o texto literário e o leitor e as possibilidades de se trabalhar a literatura numa perspectiva interdisciplinar diante de um cenário educacional que apresenta dificuldades na formação do leitor literário. Essa temática tem sido amplamente discutida no meio acadêmico e no âmbito escolar, tendo em vista o ensino de literatura ser intrinsecamente ligado ao ensino de língua portuguesa. Contudo, suas estratégias de ensino trazem à tona um texto literário de forma fragmentada, restrito a análises sintáticas e semânticas que o distanciam da formação do leitor literário. Um paradoxo que se origina justamente pelos procedimentos metodológicos utilizados pelo professor para se trabalhar o texto literário, o qual geralmente é utilizado em sala de aula por meio de atividades organizadas e orientadas pelo livro didático de língua portuguesa. Nesse aspecto, o estudo utiliza como metodologia uma revisão bibliográfica alicerçada nos pressupostos teóricos que abordam o ensino da literatura no Brasil, o letramento literário, o leitor e sua relação com a leitura literária e aspectos referentes à interdisciplinaridade. A partir dos pressupostos utilizados, foi possível observar que a literatura possui um caráter interdisciplinar à medida que suscita uma reflexão não fragmentada, mas amparada na humanização a partir do que proporcionam seus textos, os quais se apresentam como uma possibilidade de representação da realidade, interligando saberes e promovendo uma troca de sentidos. Dessa forma, as práticas de letramento literário podem favorecer o trabalho com a literatura sem fragmentações, de forma a estabelecer o pensamento interdisciplinar.

Palavras-chave: Ensino, Literatura, Letramento literário, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

¹ Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (POSENSINO) – UERN/UFERSA/IFRN. Professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Jerônimo Rosado.

² Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (POSENSINO) – UERN/UFERSA/IFRN.

³ Doutora em Educação pela Universidade do Minho/Portugal. Professora-adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), do Mestrado em Ensino e do Doutorado e Mestrado em Letras.

No Brasil, alguns dos assuntos mais discutidos no âmbito educacional são sobre a questão da leitura e a formação do leitor. E quando se pensa em Ensino Médio, suscita-se a reflexão sobre a formação do leitor literário e o ensino de literatura nas escolas públicas. Um tema complexo, tendo em vista a resistência dos alunos à leitura literária e o paradoxo existente entre ensinar literatura e ensinar a ler textos não literários que circulam na sociedade. Uma relação difícil, na qual alguns autores apontam que uma das causas desse estranhamento é pautada no ensino da literatura ser alicerçado pelo livro didático, que segue as orientações curriculares da modalidade de ensino em questão e aborda temáticas que enfatizam teorias, características e alguns textos fragmentados de autores que se enquadram nas escolas literárias, classificadas de acordo com o contexto histórico de cada época.

Diante desses aspectos, pautado em autores como Cândido (2011), Cosson (2014), Todorov (2009), Fazenda (2013), dentre outros, este estudo se propõe a discutir sobre o ensino da literatura no Ensino Médio, a relação texto e leitor e as possibilidades de se trabalhar a literatura numa perspectiva interdisciplinar. Visto que, não necessariamente, é preciso unir mais de uma disciplina para se trabalhar uma temática de forma interdisciplinar, como afirmam as orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais (PCN+, 2014, p. 17): “A perspectiva de desenvolver conteúdos educacionais com contexto e de maneira interdisciplinar, envolvendo uma ou mais áreas, não precisa necessariamente de uma reunião de disciplinas, mas pode ser realizada numa mesma disciplina”. Assim, não é preciso que várias disciplinas trabalhem o mesmo conteúdo, mas vários conteúdos de disciplinas diferentes podem fazer parte de uma só disciplina.

Nesse sentido, a temática em questão é relevante, mediante as intensas discussões de professores, pedagogos e da própria academia sobre as dificuldades de formação do leitor literário no Ensino Médio, tendo em vista o cenário social em que os jovens leitores se encontram, permeados por aspectos tecnológicos, midiáticos, além da didatização do texto literário nas aulas de Literatura.

METODOLOGIA

Embasados em autores como Cândido (2011), Cosson (2014), Todorov (2009), Fazenda (2013), Lück (2013), entre outros, o artigo contém uma revisão de literatura referente aos estudos de ensino de literatura no Ensino Médio, letramento e interdisciplinaridade.

A partir de 1850, o caráter assumido pelo ensino secundário no Brasil, o qual buscava preparar para os estudos acadêmicos, se evidenciou. No entanto, para se chegar ao curso superior

não era necessário o ensino secundário, bastando fazer um exame de seleção (ZILBERMAN, 2012). Apenas no século XX é que a situação se modificou, pois houve a separação entre o ensino clássico e o científico, e as escolas técnicas. O primeiro dirigido às elites que buscavam entrar nos cursos superiores; o segundo, para as pessoas que forneceriam mão de obra mais qualificada.

Segundo Zilberman (2012), o ensino da Literatura no Ensino Médio entrou como uma disciplina que não era pragmática, por isso não tinha razão de estar no currículo. Era uma disciplina dispensável.

De um lado, porque o conhecimento da literatura não é propriamente profissionalizante: o aluno, ao estudá-la, não adquire nenhum saber prático com o qual possa se manter financeiramente; logo, não se justifica com a “terminalidade”. De outro, os estudos literários não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de letras; portanto, a “continuidade” também não comparece. (ZILBERMAN, 2012, p. 202)

A partir dessa visão, a literatura ficou relegada a um segundo plano pelos professores, pois não era considerada importante para os objetivos do estudante que buscava um curso universitário. A literatura passou a ser vista como uma forma de demonstrar status, pois implicava um conhecimento erudito que era facultado a poucos e tendo que ser ensinada a partir da historiografia de seus autores e escolas literárias.

O conceito de literatura também se viu ampliado para atender uma camada da população que tem acesso a diversos outros textos não literários, como as histórias em quadrinhos, a música, os textos que circulam na internet, entre outros não reconhecidos pela literatura e que passaram a estar presentes nos livros didáticos

O ensino da literatura no Ensino Médio continua tendo como base o livro didático de Língua Portuguesa, no qual o estudo enfatiza as escolas literárias, seus estilos e características, bem como o estudo de alguns autores e textos, muitas vezes fragmentados, em detrimento da formação do leitor literário que, ao ler uma obra, reflete sobre ela, humanizando-se, como afirma Cândido (2011).

Conforme Cosson (2014, p. 21), no estudo da literatura no Ensino Médio, “os textos literários, quando aparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeados”. Fato que tira de foco a leitura do próprio texto como elemento principal do estudo literário e segue as sequências didáticas propostas pelos livros didáticos. Sequências que elencam conceitos referentes à escola literária em estudo e características principais de uma lista de autores que se enquadram em cada estilo. Algumas vezes,

o texto literário é também utilizado de forma descontextualizada para atividades gramaticais que visam à análise sintática e semântica, ao estudo da língua. Todorov (2009, p. 89), afirma que

(...) a análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos.

Nesse sentido, Todorov alerta para o perigo de o ensino da literatura perder a sua essência, tirando do aluno o contato com o próprio texto, tornando o acesso ao texto literário uma forma disciplinar. Sendo assim, temos um paradoxo no ensino de literatura, tendo em vista não haver a oportunidade de promoção da leitura do próprio texto literário.

De acordo com as Orientações curriculares para o ensino médio (2006, p. 54), “[...] não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc.”, mas sim “formar o leitor literário”. Para isso é necessário que o aluno tenha o contato efetivo com o texto a fim de construir uma experiência repleta de significados e que ampliará o seu horizonte adquirindo um conhecimento diferente do científico, pois a leitura literária é muito mais do que o estudo fragmentado de um texto em uma disciplina escolar.

O texto literário está impregnado de sentidos, uma rica gama de significados sobre o mundo, as pessoas, diferentes culturas e contextos, as relações, os conflitos e as paixões que abrem para o leitor diferentes possibilidades de compreensão do seu próprio eu e do outro. Por isso que o letramento literário se faz necessário na escola, e é ele que vai orientar o aluno para a descoberta dos sentidos do texto e do próprio sentido da leitura, motivando o discente a buscar respostas diante do que se encontra sem resposta até então no texto literário. De acordo com Cosson (2014), o letramento literário é o processo de apropriação da literatura como construção literária do saber, ou seja, como processo, esse aprendizado da leitura não se encerra no texto, mas vai além, ultrapassa o texto e o leitor.

Contudo, a escolarização da literatura tende a deixar essa relação texto-leitor mais conflituosa, justamente por didatizar o próprio ato de ler o texto literário, o qual, geralmente, está expresso no livro didático. Nesse processo, a leitura na sala de aula está sempre atrelada a um fazer pedagógico, a uma atividade sobre a língua, a um exercício de análise de um personagem, de um fragmento ou de um contexto, uma visão conteudista alicerçada por programas curriculares. Para

Soares (2011), a escola se apropria da literatura para que esta sirva aos seus fins, pedagogizando-a, e a qual passa a ser utilizada segundo os objetivos propostos pela instituição escolar.

Segundo a autora, existem três instâncias de escolarização da literatura: a biblioteca escolar, a leitura e estudos de livros de literatura e a leitura e estudo de textos nas aulas de língua portuguesa. Ainda de acordo com os pressupostos teóricos de Soares (2011), a escolarização não pode ser tomada em sentido pejorativo, contudo, essa escolarização toma um sentido negativo quando é trabalhada de forma inadequada, tornando o que é literário em escolar. Experiência que torna a leitura, muitas vezes, uma sistematização de conhecimentos e afasta do jovem leitor o próprio prazer pela leitura do texto, em sua essencialidade e suas inúmeras possibilidades de construção de sentidos, inclusive, do seu caráter interdisciplinar, como será visto no próximo capítulo. Para Cosson (2014, p. 23):

[...] falta a uns e a outros uma maneira de ensinar que, rompendo o círculo da reprodução ou da permissividade, permita que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. Nesse caso é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.

Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Nesse sentido, Cosson (2014) dialoga com Soares (2011) ao analisar que a escolarização da literatura existe, mas o problema maior não é a sua existência, e sim, como essa escolarização é realizada sem que extraia da literatura a sua essência humanizadora. Essa reflexão é necessária, principalmente, por saber que as práticas de letramento literário se dão no ambiente escolar e não devem ser definidas apenas por inúmeras leituras de obras, mas como um processo de apropriação do texto e a reflexão crítica sobre ele.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A literatura tem o poder de transportar o leitor para outros mundos, outros universos, tem o poder de realizar sonhos, de criar novos sonhos, ela esconde e revela sentimentos e desejos.

É a literatura que nos revela, como acusa o escritor HadjGarm' Oren, que “todo indivíduo, mesmo o mais restrito à mais banal das vidas, constitui, em si mesmo, um cosmo. Traz em si suas multiplicidades internas, suas personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma polixistência no real e no imaginário, o sono e a vigília, a

obediência e a transgressão, o ostensivo e o secreto, pululâncias larvares em suas cavernas e grutas insondáveis. Cada um contém em si galáxias de sonhos e de fantasias, de ímpetos insatisfeitos de desejos e de amores, abismos de infelicidade, vastidões de fria indiferença, ardores de astro em chamas, ímpetos de ódio, débeis anomalias, relâmpagos de lucidez, tempestades furiosas. (MORIN, 2003. p. 44)

Cada indivíduo é um vasto universo constituído de emoções, sentimentos, sonhos, fantasias, desejos, incertezas, abismos e amores, e a literatura e suas infinitas possibilidades podem ser consideradas uma ferramenta de ajuda para entender, atravessar, compreender, explicar e demonstrar esse infinito que reside nesses diversos universos paralelos existentes.

A literatura apresenta um caráter interdisciplinar, surge como proposta de superação a fragmentação dos conteúdos. Segundo Lück (2013, p. 24), “[...] se o professor analisar adequadamente o seu cotidiano escolar e vital irá identificar facilmente inúmeras dificuldades que resultam da ótica fragmentadora, o que por si, estabelece a necessidade do enfoque interdisciplinar e globalizador no ensino [...]”. Dessa forma, a interdisciplinaridade apresenta-se como um pensamento educacional de (re)ligação dos conhecimentos e saberes.

Fazenda (2008, p. 17) defende a interdisciplinaridade “como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento”. É necessária ousadia, coragem e atitude do indivíduo para compartilhar sua vida, seus sentimentos, seus medos, e a literatura é a ponte para que esses vários mundos presentes em sala de aula se encontrem, se conheçam, se conectem, aprendam e superem juntos seus desafios pessoais e coletivos.

Morin (2003, p. 78) considera ainda a literatura “como escola e experiência de vida”. Tendo em vista que, além da possibilidade de esses mundos particulares se conectarem, ainda será possível descobrir, conhecer e discutir sobre uma infinidade de temas.

São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo. O romance do século XIX e o cinema do século XX transportam-nos para dentro da História e pelos continentes, para dentro das guerras e da paz. E o milagre de um grande romance, como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço. (MORIN, 2003, p. 44)

Através da literatura é possível ter acesso a fatos históricos, viajar entre países, cidades, continentes, apreciar a cultura do outro, respeitar as preferências do outro. Em seu livro *O que é Interdisciplinaridade?* Fazenda (2008) reflete sobre a necessidade do diálogo, do olhar sobre o outro, debate sobre questões relativas à complexidade e afirma que:

(...) questões ambíguas, como cura (PAUL, 2007), amor (BARBIER, 2007) espiritualidade, negociação, reconhecimento, gratidão (RICOEUR, 2006) respeito, desapego e humildade

(MATURANA, 1997; RICOEUR, 2006) fazem parte de um novo pensar sobre a didática e a prática de ensino. (FAZENDA, 2013, p. 24-25)

É preciso fazer com que a literatura em sala de aula deixe de ser apenas um complemento da aula, mas que permita assumir seu caráter interdisciplinar, que seja explorada, discutida em variadas formas, de diferentes maneiras, a partir de vários pensamentos de mundo presentes em sala de aula, pois tudo é conhecimento, tudo tem sua parcela de aprendizagem.

De acordo com José (2008. p. 87), “eliminar as barreiras entre as disciplinas é um gesto de ousadia, uma tentativa de romper com um ensino transmissivo e morto, distante dos olhos das crianças e dos adolescentes que correm pelos corredores das escolas”. Nesse sentido, Morin (2003, p. 115) afirma que “a interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação”, dado que o diálogo será a base do ensino-aprendizagem. Contribuindo com essa ideia de interação, integração e (re)ligação de saberes, Lück (2013. p. 37) vem nos dizer que:

A interdisciplinaridade, portanto, propõe uma orientação para o estabelecimento da esquecida síntese dos conhecimentos, não apenas pela integração de conhecimentos produzidos nos vários campos de estudo, de modo a ver a realidade globalmente, mas, sobretudo, pela associação dialética entre dimensões polares, como, por exemplo, teoria e prática, ação e reflexão, generalização e especialização, ensino e avaliação, meios e fins, conteúdo e processo, indivíduo e sociedade etc.

Essa relação dialética entre as dimensões acima citadas são exemplos da realidade presente no nosso ensino, a interdisciplinaridade surge como um novo modo de pensar. Segundo Lück, é resultado de atos de troca, de reciprocidade e integração.

Nessa mesma vertente, temos Trindade (2008) que considera interdisciplinaridade como uma prática, como atitude, como conhecimento. Ou seja, esse é o pensamento que deve ser alimentado, amadurecido e praticado, afinal é na vivência com o outro que ocorre a transformação. É no compartilhar informações que se aglutina conhecimento. É no falar e no ouvir que se torna humano.

A prática interdisciplinar pressupõe uma desconstrução, uma ruptura com o tradicional e com o cotidiano tarefeiro escolar. O professor interdisciplinar percorre as regiões fronteiriças flexíveis onde o “eu” convive com o “outro” sem abrir mão de suas características, possibilitando a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo e as transformações. Esse é o movimento da interdisciplinaridade caracterizada por atitudes ante o conhecimento. (TRINDADE, 2008. p. 82)

E esse aspecto humanizador, esse contato com o outro, é inerente à leitura de obras literárias. Sendo assim, o aspecto interdisciplinar que a leitura proporciona pode estar ligado às práticas de letramento literário na escola e, conseqüentemente, na relação texto-leitor.

Morin (2003) defende que o ensino secundário deveria ser o momento no qual a literatura precisaria ser trabalhada como escola e experiência de vida, pois é quando é travada uma luta simbólica entre professor e aluno, do qual o professor precisa aprender sua cultura.

[...] os professores do secundário têm por dever educar-se sobre o mundo e a cultura dos adolescentes. Sempre houve, de fato, sob a “colaboração de classe”, uma “luta de classe” entre professores, que dispõem do poder, e o grosso dos alunos, que criam seu *underground* clandestino, realizando pequenas transgressões (copiar, colar etc.) [...]. (MORIN, 2003, p. 79)

Nesse sentido, é preciso uma reflexão do professor sobre o que o adolescente gosta e considera apropriado para ele e que tipo de textos, filmes, séries de TV, livros e derivados seus estudantes preferem.

Se fora da escola ocorrem as escolhas anárquicas (já que o jovem escolhe a partir de uma capa, do que se lê entre seus amigos, do número de páginas, etc.), dentro dela o procedimento é muito diferente: as escolhas na escola contam com aspectos sistemáticos que as orientam, mesmo em se tratando daqueles leitores mais vorazes. (BRASIL, 2006, p. 61- 62)

Escolhas anárquicas são as escolhas que os adolescentes fazem fora da escola e que não têm a sistematização que a instituição escolar prega, portanto, são aleatórias, e vão depender do gosto do adolescente, do momento em que se lê determinada obra e por qual motivo ele a lê.

Por que o uso da literatura em sala de aula é reduzido, em sua grande maioria, às aulas de Língua Portuguesa? Por que não é explorada e usada em todas as disciplinas? Por que a negação em conhecer e discutir o que seu aluno traz para aula a partir de seu conhecimento de mundo? Deveriam ser promovidos nas aulas encontros de experiências, saberes, de universos que se cruzam e se sobrepõem.

(...) o círculo da docência não deveria fechar-se, como uma cidadela sitiada, sob o bombardeio da cultura de mídia, exterior à escola, ignorada e desdenhada pelo mundo intelectual. O conhecimento dessa cultura é necessário não só para compreender os processos multiformes de industrialização e supercomercialização culturais, mas também o quanto das aspirações e obsessões próprias a nosso “espírito da época” é, traduzido e traído pela temática das mídias. A esse propósito, em vez de ignorar as séries de televisão – enquanto os alunos se instruem por elas –, os professores mostrariam que, por meio de convenções e visões estereotipadas, elas falam, como a tragédia e o romance, das aspirações, temores e obsessões de nossas vidas: amores, ódios, incompreensões, mal-entendidos, encontros, separações, felicidade, infelicidade, doença, morte, esperança, desespero, poder, traição, ambição, engodo, dinheiro, fugas, drogas. (MORIN, 2003. p. 80)

É preciso ultrapassar as barreiras das convenções e visões estereotipadas que são alicerçadas por vivências de sala de aula, por grades curriculares e orientações didáticas de livros didáticos. Os temas elencados por Morin (2003) estão presentes no cotidiano da escola. Além de apenas receber

essas discussões em sala de aula, deve-se permitir o livre diálogo, a livre manifestação da fala, proporcionar o convívio com ideias e opiniões divergentes.

Em sala de aula, na maior parte do tempo, o professor de literatura não pode se resumir a ensinar, como lhe pedem as instruções oficiais, os gêneros e os registros, as modalidades de significação e os efeitos da argumentação, a metáfora e a metonímia, a focalização interna e externa etc. (TODOROV, 2009, p. 28-29).

O autor afirma sua preocupação sobre o ensino de literatura em sala de aula e aponta como esse ensino mecanicista, memorizado, ordenado deve ser repensando e redimensionado, evitando a mera instrução. Para Fazenda (1979, p. 48-49):

Passa-se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina ou matéria, que se estabelece segundo um modelo hierárquico linear, a uma relação pedagógica dialógica na qual a posição de um é a posição de todos. Nesses termos, o professor passa a ser o atuante, o crítico, o animador por excelência.

Em outras palavras, o professor sai da posição de centralizador e assume uma postura de mediador, construindo as ligações necessárias sobre os saberes estudados. “O leitor e a leitura tornam-se, hoje, objetos de reflexão teórica, até mesmo no interior do próprio texto literário” (BRASIL, 2006, p. 65).

A relação texto-leitor se constitui na vivência, na contextualização do lugar, nas diversas linguagens expressas pelo indivíduo, o processo de ensino-aprendizagem é ativado pela imaginação, criatividade e práticas sociais, individuais e coletivas que se apresentam no decorrer do processo, ou seja, a literatura ensina de forma indireta.

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto. [...] É comum termos opiniões de imediato diferentes, ou termos nos detido em aspectos às vezes ignorados pelo outro. É da troca de impressões, de comentários partilhados, que vamos descobrindo muitos outros elementos da obra; às vezes, nesse diálogo mudamos de opinião, descobrimos uma outra dimensão que não havia ficado visível num primeiro momento. (BRASIL, 2006, p. 67-68)

A partir do momento em que surge a provocação por um texto, por imagens visuais, o leitor é levado a compartilhar opiniões, a falar sobre, a discutir e a chegar à conclusão sobre aquilo que foi lido, assistido e/ou observado. Vale ressaltar que o mesmo texto literário, interpretado e exibido, independentemente da forma artística, provoca pensamentos, sentimentos e opiniões diferentes a cada nova leitura e a cada novo leitor.

Cosson (2014, p. 27) reforça esse pensamento quando diz que “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois

os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.” Ou seja, o ato de ler abre portas entre mundos.

É aqui que surge a necessidade do letramento literário como um meio para que esses objetivos sejam alcançados. Além de que, segundo Cosson, outro fator para a articulação do letramento literário é o fato de que ele trabalha sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. E é essa novidade, essa atualidade, a expectativa do novo que gera facilidade e o interesse de leitura dos alunos. “[...] As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. [...]” (COSSON, 2014, p. 47), é preciso, pois, discuti-las, interpretá-las, entendê-las e debatê-las ao invés de serem consumidas apenas como textos literários, uma vez que o letramento literário não se configura como uma fórmula, habilidade ou método, pois requer atenção, dedicação e vontade do leitor para manter-se atualizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária é diferente da leitura do texto não literário, o qual exige um ensinar a ler, o letramento literário, que sugere um processo, e como tal, não se encerra no próprio texto, mas vai além, ultrapassando o texto e o leitor e apresentando outros sentidos que ainda estão implícitos. Nessa busca, o leitor tem um papel essencial, pois é ele que vai encontrar a resposta para as perguntas que faz. E o professor tem um papel também muito importante, pois vai atuar como mediador entre o texto e o aluno, fazendo este encontrar o caminho para construir seu próprio sentido.

O presente artigo discutiu sobre questões referentes à leitura e à formação do leitor no âmbito do Ensino Médio. As discussões aqui realizadas apontam para a importância de uma perspectiva interdisciplinar nesse processo de ensino-aprendizagem. Sendo a interdisciplinaridade um pensamento e não um método, uma necessidade de (re)ligar conhecimentos e não apenas apresentá-los, surge como possibilidade, como proposta de superação da fragmentação dos conteúdos e interligação com diversos outros saberes.

Constatou-se, portanto, que trabalhar a literatura no Ensino Médio é importante para que o aluno compreenda os textos literários como uma função além de mecânica, humanizadora. É a literatura que propicia a reflexão sobre o próprio ser humano e sua trajetória, ou seja, é ela que mostra quem é o ser humano e como ele se comporta diante dos valores de uma sociedade. Cabe ao professor a tarefa de orientar o aluno que, muitas vezes, faz sua escolha de leitura anarquicamente,

daí a importância do letramento literário e de a literatura ser trabalhada de uma maneira interdisciplinar, sem fragmentações, seja ela canônica ou não.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.** 2006.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** Ouro sobre azul, Rio de Janeiro, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2014.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas . In: _____(org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p.17-28.

JOSÉ, Mariana Aranha, Interdisciplinaridade: as disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. In: FAZENDA, Ivani. (org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 85-95.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** 18ª ed., 2ª reimp. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro - RJ: ed. Bertrand Brasil, 2003.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária.** 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Moreira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRINDADE, Diamantino Fernandes . Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, Ivani. (org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 65-83.